

# Brasil se destaca na Semana do Clima de NY em painel sobre estratégias público-privadas para combater o desmatamento nas cadeias de valor agroalimentares

[umsoplaneta.globo.com/clima/noticia/2022/09/23/brasil-se-destaca-na-semana-do-clima-de-ny-em-painel-sobre-estrategias-publico-privadas-para-combater-o-desmatamento-nas-cadeias-de-valor-agroalimentares.ghtml](https://umsoplaneta.globo.com/clima/noticia/2022/09/23/brasil-se-destaca-na-semana-do-clima-de-ny-em-painel-sobre-estrategias-publico-privadas-para-combater-o-desmatamento-nas-cadeias-de-valor-agroalimentares.ghtml)

Nesta sexta-feira (23), especialistas brasileiros apresentaram os resultados preliminares do estudo “Como as empresas agroalimentares brasileiras estão combatendo o desmatamento em suas cadeias de valor?” durante a Semana do Clima de Nova York. A pesquisa foi desenvolvida pelo Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) e pelo Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (Imaflora) e a íntegra será divulgada em novembro deste ano, durante a COP27.

“Neste estudo, apresentamos os desafios que os setores público e privado apresentam para acabar com o desmatamento nessas cadeias produtivas e também as ações esperadas dos diferentes atores, bem como as possíveis estratégias e interações para atender este mercado de forma sustentável”, explicou Isabel Drigo, Gerente de Clima, Ciência de Dados, Gestão de Conhecimento e Advocacy na Imaflora.

Segundo a executiva, existe um grande potencial para que haja a regulação das informações que são oferecidas às cadeias de fornecimento e garantir que todos os dados estejam unificados, em um único sistema. “Precisamos de políticas públicas que insiram os produtores, pequenos e médios também, dentro desse sistema de dados. Precisamos de leis eficientes que identifiquem os criminosos e destaquem os que operam em um bom caminho. Um sistema transparente que apresente o nosso progresso, unindo esforços do setor público e privado. Precisamos de todos juntos por esse objetivo comum”.

Drigo ainda ressaltou que o trabalho feito neste estudo apontou para dois caminhos: um diretamente relacionado ao combate ao desmatamento e o outro apoiado na agenda climática, indicando os produtores que estão em um caminho que possa inspirar os demais. A pesquisa aponta para a necessidade de investir em agricultura regenerativa, como uma forma de garantir a resiliência associada à agenda climática.

Para Raoni Rajão, professor adjunto e pesquisador da UFMG, o tópico da unificação e do acesso à informação é fundamental, pois boa parte dos dados ainda são assimétricos. Foi olhando para esta lacuna que o pesquisador desenvolveu o Selo Verde, dentro do Laboratório de Gestão de Serviços Ambientais (LAGESA) da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2021. “A plataforma pública e gratuita de transparência permite um diagnóstico automático da situação socioambiental dos imóveis agrícolas e o informa aos atores-chave da cadeia, como produtores rurais, frigoríferos e bancos. Apresentamos um cruzamento de dados que permite acabar com a assimetria de informações, mostrando não apenas a situação das fazendas no que diz respeito ao desmatamento e à proteção das APPs, mas ao trabalho escravo, respeito a terras indígenas e à situação de multas e de embargos, por exemplo”, explica.

Trata-se da primeira plataforma de dados cruzados no país com foco no controle socioambiental de propriedades rurais, fruto de uma década de pesquisa e integração de informações do Ibama, da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade do Pará (Semas), do Inpe, entre outras entidades. Hoje, a plataforma já foi adotada pelos governos do Pará e de Minas Gerais.

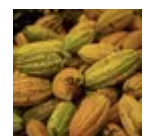
Para Raoni, um dos principais resultados da pesquisa é a necessidade de desenvolver soluções que envolvam os diferentes setores. “Não é algo que esperamos de uma única empresa ou de um único grupo, é uma ação coletiva que deve envolver todos os setores. Precisamos de dados, de soluções, de monitoramento e sabemos que essas cadeias de fornecimento podem ser bastante complexas, especialmente quando falamos de carne e soja. O Selo Verde surge como parte dessas soluções que estamos buscando”, ressalta.

O estudo aponta que 75% da expansão que a agricultura realiza dentro das florestas é motivada por demanda doméstica em países produtores, principalmente destinado ao gado e à produção de grãos. Além disso, para obter o efeito esperado da diminuição do desmatamento é preciso que as intervenções nessas áreas estejam focadas em fortalecer o desenvolvimento rural sustentável e a governança.

Luana Maia, Diretora de Operações & Planejamento Estratégico do CEBDS, e moderadora do painel, apontou alguns dados alarmantes em relação ao desmatamento na Amazônia. “Mais da metade das emissões do Brasil vem do desmatamento e 98% desse desmatamento é ilegal - sendo 60% dele na Amazônia”. Vale lembrar que a floresta amazônica abrange nove países, mais de 20 milhões de habitantes e dimensão comparável à do continente Europeu.

Cacau em agrofloresta ajuda a evitar queimadas e desmatamento na Amazônia

“O setor privado sabe da importância de combinar produção com conservação. Sabemos que não existe uma única solução e um único agente, precisamos dos setores falando sobre isso e agindo. Temos leis boas, mas elas não são bem implementadas e sabemos da dificuldade em rastrear e monitorar uma cadeia produtiva tão complexa e em dimensões continentais como as do Brasil”, conclui.



Para Catharina Pires, chefe de assuntos corporativos Latam da Nutrien, fornecedora mundial de insumos e serviços agrícolas, uma das grandes descobertas do estudo diz respeito à oportunidade que essa cadeia tem de fortalecer as alianças dentro dessa cadeia. “Além de estimular os diferentes atores a desenvolverem práticas mais sustentáveis por meio, por exemplo, da capacitação de fazendeiros e do acesso a mecanismos financeiros e de disponibilizar publicamente todos os dados que já foram coletados neste setor”, afirma.

Hoje, a empresa atua em mais de 13 estados brasileiros também oferecendo o trabalho de consultoria às empresas e aos produtores para identificar os maiores problemas ambientais dessa cadeia e as dificuldades para solucioná-los. "Precisamos de mais recomendações sustentáveis para melhorar o estado atual desses atores. Queremos melhorar os mecanismos ao longo dessa cadeia e facilitar o acesso e o uso de dados públicos e certificações dentro do nosso modelo de negócio".

Juliana Lopes, diretora de ESG, Comunicação e Compliance na Amaggi, uma das maiores comercializadoras de grãos do país, também aponta para a necessidade de juntar esforços dos diferentes setores. "Não existe uma bala de prata que vai solucionar tudo. Precisamos da academia, do governo, dos dados e das empresas juntas nesse caminho. Esse problema não será resolvido sozinho. Precisamos de foco no acesso aos dados. Todas as informações são úteis para o mercado nacional e internacional e também devem ser entregues às plataformas governamentais", explica.

O estudo sugere que os atores desse setor, que deve ser multi-stakeholder, abrangendo sociedade civil, academia, setores público e privado, estejam comprometidos com programas focados nas metas de descarbonização e que transfiram as tecnologias aos produtores. É esperado que a agenda de carbono seja uma mobilizadora das ações dos fazendeiros. "Precisamos de maior capacitação aos produtores e de fácil acesso a esses dados. Precisamos ver as ações melhor implementadas", ressaltou.

Drigo, do Imaflora, reforça a mesma questão. "Precisamos escalar isso, mas os dados das fazendas ainda são complicados de serem coletados. Os fazendeiros possuem diferentes níveis de conhecimento e de informação técnica e isso é muito prejudicial para padronizarmos esses dados. Precisamos da cooperação entre as empresas para gerar mais dados, além de trabalhar diretamente com os fazendeiros", afirmou.

Lopes também apresentou os objetivos net-zero da Amaggi: até o final deste ano devem alcançar zero desmatamento pelos fornecedores diretos, que, segundo a executiva, são monitorados diariamente, e, para 2025, garantir que todos os fornecedores, mesmo os indiretos, estejam 100% livres de desmatamento. "Essas são algumas das nossas práticas para alcançarmos a meta net-zero para 2050. Também sabemos que investir em agricultura regenerativa é um elemento-chave para alcançarmos esse objetivo".